

DOCUMENTO DE PRÉ-FUNDAÇÃO 27 de Outubro de 1912¹

Programa

1. Hoje só quero apresentar-me. Por causa desta resposta do candidato Yob, todos abanaram a cabeça. Com este verso, profundo de sentido, e altamente poético, de uma conhecida epopeia pode-se fazer uma brincadeira – e, naturalmente, como corresponde à natureza da brincadeira, ele pode ser tornado ainda mais espirituoso – talvez mais ou menos assim: À notícia do novo director espiritual todos esticaram o pescoço. À notícia do novo director espiritual... do novo director espiritual – é genitivo objectivo e quer dizer: da escolha do novo director espiritual. Diga-se de passagem que assim respondi ao desejo de Theile². Ele propôs-me que dissesse hoje alguma coisa sobre o genitivo. Então, Theile, estás satisfeito ou ainda queres saber mais alguma coisa?

Brincadeira à parte! Sei que o gracejo reflecte o vosso estado de espírito, a vossa atitude perante a minha nomeação. Estão admirados e estão desiludidos. Por isso, o "esticar o pescoço" generalizado. Mas parece que é perigoso ficar muito tempo com o pescoço retesado. Até se pode ficar com torcicolo. Foi por isso que repus a minha cabeça e o meu pescoço na posição normal e me resignei ao inevitável. Talvez,... e, por isso, hoje quer prestar-vos contas

1º sobre a relação que tivemos até agora,

2º sobre a relação que vamos ter no futuro.

2. Como foi a nossa relação até agora? Podemos descrevê-la em poucas palavras. Não tínhamos nada que ver uns com os outros. Passávamos uns pelos outros sem entrar em choque ou nos bombardearmos com olhares hostis. Até aqui, tudo é ainda inofensivo. Mas talvez não seja tão agradável e indiferente confessar-vos que foi por princípio que evitei conscientemente uma relação mais próxima. Quando, no ano passado, fui para Ehrenbreitstein, o Rev.do P. Reitor pediu-me para, quando o desejásseis, atender as vossas confissões. Mas defendi-me com unhas e dentes e por fim consegui que me deixassem em paz. Porquê? Não queria ter nada a ver convosco para poder dedicar o resto do meu tempo e das minhas forças aos leigos, sobretudo aos velhos pecadores endurecidos. Queria caçar os chamados "cordeiros pascais", e a minha maior alegria de sacerdote era ver chegar um deles com uma carga pesada de velho entulho, acumulada durante anos, que até fazia ranger o confessionário.

3. Agora compreendem mais ou menos a minha maneira de proceder. Mantive uma atitude de reserva – não por desprezo, não por desconhecer as emoções e as necessidades mais nobres e mais delicadas da psicologia juvenil nem por ser da opinião que estudantes não possam sofrer abalos espirituais profundos. Sim, se antes alguém me tivesse dito "aquele ou aquele outro está a atravessar uma grande crise interior" teria tido todo o gosto em dedicar-me a ele. Mas estas coisas não se dizem antes. Por isso, cortei o problema pela raiz e resolvi não me preocupar absolutamente com nada.

¹ No dia 27 de Outubro, primeiro domingo depois da festa da Mater Puritatis, Padroeira do Seminário dos Palotinos em Schoenstatt, o novo director espiritual, Padre José Kentenich, fez a sua primeira conferência para ao alunos das secções média e superior (do quarto ao sétimo curso). Vista à luz do desenvolvimento posterior, esta conferência é o primeiro pré-anúncio do novo Schoenstatt, do seu ideal e dos seus princípios. O director espiritual deu-lhe, com razão, o título de *Programa*.

² Um aluno do quarto curso que estava em pé de guerra com os mencionados capítulos da gramática latina. - A breve observação é típica para o método do director espiritual, de captar o mais depressa possível os pontos de contacto a partir das experiências dos alunos, para criar uma mentalidade comum. Durante muito tempo, Theile e os seus colegas de curso foram os únicos a vencer a timidez de falar em público e a corresponder às motivações para a discussão entre todos.

4. Agora recebo a nomeação para Director Espiritual – sem qualquer iniciativa da minha parte nesse sentido. Deve, portanto, ser vontade de Deus. Por isso, aceito, firmemente decidido a cumprir da maneira mais perfeita todos os meus deveres em relação a todos e a cada um de vós. Ponho-me inteiramente à vossa disposição, com tudo o que sou e o que tenho: com o que sei e o que não sei, com todas as minha capacidades e incapacidades, mas sobretudo com o meu coração.

Só vou dedicar à realização da minha ideia predilecta o tempo que ainda me sobrar.

Espero que nos iremos entender bem, que iremos fazer tudo para atingir o melhor possível o nosso objectivo comum.

5. E, afinal, qual é este objectivo? Esta questão é importante porque o nosso relacionamento futuro depende da resposta que lhe dermos. Por isso, digo, de forma breve e concisa:

Sob a protecção de Maria queremos aprender a auto-educar-nos para sermos caracteres firmes, livres e sacerdotais.

A realização e a prática deste princípio vão ocupar-nos durante todo o ano. Hoje quero apenas dar-vos alguns esclarecimentos.

6. Nós queremos aprender. Não só vós – eu também. Queremos aprender uns com os outros, porque nunca acabamos de aprender, sobretudo no que se refere à arte da nossa auto-educação que representa a obra, a acção, o trabalho de toda a nossa vida.

7. Queremos aprender, não apenas teoricamente: talvez tenha que se fazer assim, assim está bem, assim é que é bonito, ou até necessário. Na realidade, isto não nos ajudaria muito. Temos que aprender também na prática, temos que pôr mãos à obra todos os dias, a toda a hora. Como é que aprendemos a andar? Ainda se lembram de como aprenderam a andar? Ou pelo menos de como os vossos irmãos mais pequenos aprenderam a andar? A mãe terá feito grandes discursos: Olha, Tónico ou Mariazinha – tens que fazer assim? Assim, ainda nenhum de nós andaria! Não, elas tomaram-nos pela mão e pronto, começámos a andar. É andando que se aprende a andar, é amando que se aprende a amar; e é pela prática constante da auto-educação que também temos que aprender a auto-educar-nos. Verdade é que não nos faltam ocasiões.

8. Queremos aprender a auto-educar-nos. Uma actividade nobre. A auto-educação está actualmente no centro do interesse em todos os círculos de nível cultural superior. Auto-educação é um imperativo da religião, um imperativo da juventude, um imperativo do tempo. Não quero desenvolver agora em detalhe estas ideias, mas esboçar brevemente apenas a última.

A auto-educação é um imperativo do tempo.

9. Não é preciso ser grande conhecedor do mundo e do homem para constatar que o nosso tempo, com todo o seu progresso, com todas as suas descobertas, não pôde libertar as pessoas do seu vazio interior. É que todas as atenções, todas as iniciativas têm exclusivamente como objecto o macrocosmo, o grande mundo, o mundo exterior a nós próprios. Na verdade, não hesitamos em manifestar a nossa admiração pelo génio humano. O génio humano dominou as poderosas forças da natureza e submeteu-as ao seu serviço. Alcança qualquer distância na terra, sonda as profundezas do mar, perfura as montanhas da terra e voa pelo espaço. O impulso de pesquisa leva-o cada vez mais longe. Descobrimos o pólo norte e descortinámos continentes obscuros, examinámos com raios novos o nosso sistema ósseo, o telescópio e o microscópio desvendam-nos todos os dias mundos novos.

10. Porém, há um mundo sempre antigo e sempre novo, um mundo – o microcosmo, o mundo em pequeno, o nosso próprio mundo interior, que continua desconhecido e inexplorado.

Não existem métodos, ou pelo menos métodos novos, para radiografar a alma humana. “Todos os domínios do espírito foram cultivados, todas as faculdades potencializadas, só o mais profundo, o mais interior, o mais essencial da alma imortal é que continua demasiadas vezes a ser um terreno por cultivar”, lamentam até os jornais. É por isso que a nossa época é de uma pobreza e de um vazio interior assustadores.

11. Mas há mais. Há algum tempo, um político italiano designou como o maior perigo, o facto de as raças de civilização inferior ou média se apropriarem cada vez mais dos meios técnicos da civilização moderna, sem lhes ser transmitida a cultura intelectual e ética para utilizarem devidamente estas conquistas.

12. No entanto, eu prefiro inverter a questão e perguntar: E as raças de cultura superior serão porventura maduras e capazes de utilizar devidamente os enormes avanços da época moderna em todos os domínios exteriores? Ou, em vez disso, não se terá o nosso tempo tornado escravo das suas conquistas? Na verdade foi o que aconteceu. O nosso domínio sobre os dons e as forças exteriores da natureza não andou a par e passo com o domínio das forças instintivas do nosso coração humano. Esta discrepância tremenda, esta brecha incomensurável torna-se cada vez maior e mais profunda – e, se não se conseguir, muito em breve, com toda a força, mudar a situação, encontrar-nos-emos perante o fantasma da questão social, da falência da sociedade. Em vez de dominarmos as nossas conquistas, tornamo-nos seus escravos; tornamo-nos escravos também das nossas próprias paixões.

13. É preciso decidir! Para a frente ou para trás! Para onde?

Vamos então retroceder!

Teremos, portanto, que voltar à Idade Média, arrancar os carris, cortar os fios dos telégrafos, abandonar a electricidade às nuvens, devolver o carvão à terra e fechar as universidades!

Não, nunca! Não queremos fazer tal coisa, não devemos fazê-lo, não podemos fazê-lo.

14. Então avancemos! Sim, avancemos na pesquisa e na conquista do nosso mundo interior através de uma auto-educação consciente dos seus objectivos. Quanto maior o progresso exterior, maior o aprofundamento interior. É este o brado, o lema que está a ser propagado por toda a parte, não só entre católicos mas também no campo inimigo.

Também nós queremos seguir estas aspirações modernas – na medida da nossa própria formação.

15. No futuro, já não poderemos deixar-nos dominar pelos nossos conhecimentos, mas temos que ser nós a dominá-los. Já não deverá acontecer dominarmos diversas línguas estrangeiras, segundo o objectivo do programa escolar, mas sermos os mais perfeitos ignorantes em relação ao conhecimento e à compreensão da linguagem do nosso coração. Quanto mais profundamente penetrarmos nas tendências e no desenvolvimento da natureza, tanto mais racional e adequadamente temos que saber enfrentar as forças instintivas e diabólicas no nosso interior.

O grau do nosso progresso no domínio das ciências tem que ser o grau do nosso aprofundamento interior, do crescimento da nossa alma. Caso contrário, cria-se também no nosso interior um vazio enorme, um abismo tremendo que nos faz sentir profundamente infelizes. Portanto, auto-educação!

16. É o que exige o nosso ideal e o ímpeto do nosso coração, é o que exige a nossa sociedade, é o que exigem sobretudo as pessoas, nomeadamente aquelas com as quais nos vamos encontrar mais tarde na nossa futura actividade. Como sacerdotes temos mais tarde que exercer uma influência profunda e duradoira sobre o nosso ambiente. E em última análise não o fazemos pelo brilho dos nossos conhecimentos, mas sim pela força, pela riqueza interior da nossa personalidade.

17. Temos que aprender a auto-educar-nos. Temos que nos educar a nós próprios; a nós próprios com todas as nossas capacidades. Veremos mais tarde quais são estas capacidades, qual é o objectum materiale³ do nosso auto-domínio.

18. Temos que nos educar para nos tornarmos caracteres firmes. Há muito já que saímos da infância. Naquele tempo, deixávamos o nosso bom ou mau humor e o nosso estado de espírito determinarem o nosso actuar. Mas agora temos que aprender a agir segundo reconhecidos e claros princípios. Tudo em nós pode vacilar. Tempos virão, com certeza, em que tudo em nós vai vacilar. Então, já não serão os exercícios espirituais a poder ajudar-nos. Uma só coisa nos pode ajudar: os nossos princípios. Temos que ser caracteres firmes.

19. Temos que ser caracteres livres. Deus não quer escravos de galera, quer remadores livres. Outros podem arrastar-se pelo chão diante dos seus superiores, lamber-lhes as botas e agradecer serem pisados. Mas nós temos bem consciência da nossa dignidade e dos nossos direitos. Não é por temor ou coacção que nos inclinamos diante da vontade dos nossos superiores, mas porque o queremos livremente, porque cada acto de submissão nos torna interiormente livres e autónomos.

20. Queremos colocar a nossa auto-educação sob a protecção de Maria. Foi o que prometemos no domingo passado.⁴ Agora temos que pôr mãos à obra. Sim, neste sentido ainda nos espera uma grande tarefa. Segundo os vossos estatutos, a devoção a Maria deve ser cultivada em comunidade. A forma exterior já existe: é a magnífica bandeira e a medalha.⁵ Mas ainda falta o principal: uma organização interna adequada à nossa situação, semelhante à das Congregações que, como é sabido, existem em diversos liceus e universidades.

21. Queremos criar esta organização. Nós – não eu. Porque neste sentido não farei nada, absolutamente nada sem o vosso inteiro acordo. Não se trata de um trabalho de momento, mas de uma instituição útil para as gerações futuras. Os vossos sucessores devem, portanto, poder usufruir do vosso zelo, do vosso conhecimento das almas e da vossa prudência. Tenho a certeza de que, se todos colaborarem, vamos conseguir algo proveitoso.

22. Mas ainda aí não chegámos. Antes de mais temos que nos conhecer uns aos outros e que nos habituar a dialogar com liberdade entre nós, como corresponde ao nível da nossa formação.

23. E assim concluo a minha prestação de contas. Tenho a certeza de que me compreenderam; sabem porque foi que até agora mantive uma atitude de tanta reserva em relação a vós; também conhecem os meus planos para o futuro. Vamos começar juntos a grande obra e, juntos, vamos realizá-la. Sob a protecção de Maria, queremos aprender a auto-educar-nos, para sermos caracteres firmes, livres e sacerdotais. Que Deus nos dê a sua bênção. Amen.

³ O objecto material

⁴ No dia 20 de Outubro, Festa da Mater Puritatis.

⁵ Era sobre a mencionada bandeira, doação da Senhora Duchén de Limburgo, que os congregados faziam o seu juramento de fidelidade: “Esta é a bandeira que eu escolhi e não abandonarei, a Maria o juro!” A medalha de Nossa Senhora, entregue no dia 20 de Outubro, foi substituída na Congregação por uma mais pequena que tinha gravada num dos lados a imagem da Imaculada Conceição e no outro lado a imagem de S. Luís de Gonzaga.